

O BARCELLENSE

PERIODICO POLITICO LITTERARIO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

BARCELLOS, 10

TELEGRAMMA

APULIA 3 DE SETEMBRO, ÀS 11 H. E 10 M. DA MANHÃ

Anda aqui tudo em grande azafama, arranjando e mobilando o aposento para o RATO FORMOSO que está proximo a chegar a esta linda prala.

Por este motivo é grande a affluencia de povo das quatro partes do mundo, para admirar a immensidade do FOCINHO com que é dotado aquelle animalejo.

Já chegou a MORTE e a BARATA. Está leado o mastro grande com a bandeira de recreio.

Do mais que houver darel parte.

L.

Sr. ministro do reino, sr. governador civil.

Eis o telegramma, que publica a *Lei e Ordem*—jornal do sr. administrador do concelho. Tanto o é, srs., que no rotulo apparece—*editor responsavel*—*Agostinho José da Silva*, que é o secretario do sr. administrador do concelho.

Este telegramma não precisa de commentarios; define bem o estado lamentavel, a degradação e decomposição, a que chegou a administração d'este infeliz concelho!

Temos dito e demonstrado, que a administração do nosso concelho é um perenne insulto a todas as pessoas honestas, a todos os habitantes d'este concelho;—este telegramma acaba de nos justificar;—tudo o que possamos dizer a este respeito é nada ao que exprime este telegramma.

Este telegramma é um insulto a um ecclesiastico respeitavel;—que não fóra; o sr. administrador do concelho não pôde trocar a sisudez e a dignidade do cargo pelo *spirito facético com a exposição ao ridiculo de um ecclesiastico!*

A dignidade do cargo, as partes officaes e o jornal do sr. administrador do concelho, não são entidades creadas senão para exprimir o *deboche*—o *delirio*—e o *insulto à sociedade*.

O telegramma official exprime bem a

degradação a que chegou a infeliz administração d'este concelho!

Basta dizer;—o editor responsavel do jornal governamental já foi tres vezes condemnado por sentenças, como *calumniador*—outros tantos processos estão em juizo, e outros muitos mais vão augmentar o numero d'aquelles!!

O telegramma exprime de mais do que sobre assumpto possamos dizer.

Sr. ministro do reino, sr. governador civil—é esta a escola do direito e da moral, que nos ensinam? para onde vamos?—para o communismo?—para lá caminhamos, porque são as proprias auctoridades que tratam de partir todos os elos sociaes.

CUNHA OZORIO

Ao sr. Faria Barboza

Não é difficil provar, que a *Lei e Ordem* é creada e alimentada pela administração do concelho; e que, quem é o responsavel por tudo, que ali se diz, é o snr. Antonio do Rego de Faria Barboza, actual administrador deste concelho.

Não é difficil provar, antes consta de *prova provada*, que o editor responsavel da *Lei e Ordem* é o actual escrivão da administração do concelho—o sr. Agostinho José da Silva, que foi condemnado tres vezes por sentenças, que já passaram em julgado, como *calumniador*, e que outros tantos processos estão em juizo, que é de crêr, que obtenham igual sorte!!

O sr. Antonio do Rego Faria Barboza para em tudo se parecer com o seu escrivão tomou parte em *duas policias correccionaes*, em que este ficou condemnado, mandando-nos pagar as custas e pedir tempo de espera pelo snr. Francisco José Bento d'Oliveira;—e tendo-nos ultrajado, e bem assim o actual snr. governador civil, por termos negado os nossos votos, como membros da junta geral do Districto, fundados na *Lei*; a que se repartisse o contingente da contribuição predial, na occasião, em que, como bons patriotas, negavamos a legalidade do *assalto* do sr. duque de Saldanha aos paços reaes para conquistar o poder—tivemos de o chamar aos tribunaes, não só pelos ultrajes, mas principalmente pela insinua-

ção perfida de termos *espancado o pae*.

Convicto da *calumnia*, de que no n.º 22 e outros da *Lei e Ordem* se nos torna a fazer *insinuação*, mandou-nos pedir para sustar o proseguimento do processo, e serviu de intermediario o sr. Anselmo Antonio da Costa Leite, a quem lhe foi pedir o seu escrivão.

Houve a retracção no mesmo jornal, que por tornar a ser *equivoca* não nos satisfiz, e logo outra mais ampla, que nada deixava a desejar—*um homem de bem incapaz de praticar acto, que prejudicasse a sua honra*:—estão escriptas no jornal *Imparcial*, de que o sr. Faria Barboza era o redactor.

Já se vê, que nem o sr. Faria Barboza, nem o seu escrivão, nem mesmo o sr. Forte de Sá, a quem por outro processo (de que nos pagou as custas) obrigamos a *retractar-se*, nos pôdem prejudicar em nossa honra.

O snr. Faria Barboza penitenciou-se por suas proprias mãos, e por isso não pôde escapar ao titulo de *calumniador*, que lhe quadra tão bem.

Ainda que conhecemos (porque todos somos bem cophecidos na povoação em que escrevemos) que os *calumniadores* não representam na sociedade dos homens de bem, contudo entendemos, que os entes, quanto mais *abjectos*, de maior correção carecem; e por isso já chamamos o editor responsavel da *Lei e Ordem* a *duas correccionaes*, e declaramos, que o vamos chamar a outras duas, e que todas hão de ter seguimento.

Obramos assim, e temos a opinião publica—a opinião sensata a nosso favor;—obramos assim para mostrarmos ás auctoridades, que nos governam, que os bons exemplos—os exemplos de moralidade partem de seus administrados—d'aquelles, que não precisam justificar-se, porque ainda no dia 23 do mez passado, assentados nos bancos dos réos, provocavam os seus adversarios—pediam-lhes em voz alta e intellegivel processos, que se principiaram a fazer e não fizeram, confundindo assim os seus accusadores, dos quaes não o era o magistrado do Min. Pub.

Do magistrado do Min. Pub. partiu a nossa defeza, porque censurou o processo, e que se o não accitasse o não pro-

moveria; e divagando sobre diferentes assumptos, censurou o jornal dos *tumulos e das vidas privadas*, concluindo por dizer—no banco dos réos está sentado um homem de bem, reconhecido como tal, por amigos e inimigos, e não se pôde negar, que tem tal ou qual *spirito de rectidão*.

Pôde ser, que fraze mal cabida tenha saído dos bicos da nossa penna, mas nunca por vontade a *calúnia—a ossada dos mortos ou a vida privada*:—podemos assegurar-o.

Fujam, e por amor de Deus não ofereçam para confrontação a *Lei e Ordem*; a principal cauza, porque o sr. Antonio do Rego Faria Barboza, actual administrador do concelho, não continuou a colaborar connosco no *Barcellense*, foi por não consentirmos, que o jornal se occupasse das *vidas privadas*.

E para conhecerem, que isto assim é, leia-se o *Imparcial*, na epocha em que o sr. Antonio do Rego Faria Barboza tomou conta d'elle, e ver-se-ha com horror a degradação a que chegou a imprensa!—que o diga a familia Paes, vivos e mortos!—existem alguns *authographos*!

Admoestava a *Lei e Ordem* no n.º 22.º a fraze do *Barcellense*, a que chamava *modelo de linguagem*, e para isso inseria duas locaes n'elle insertas, e em seguida dizia assim:—«A mais este modelo de linguagem, temos a responder, que em Sequiade estavam entre outras couzas, um faqueiro de prata roubado e um cacete com que o mesmo ladrão do faqueiro roubou seu pae.»

«Estavam tambem tres pessoas, que viram entrar o sujeito para a cadeia; uma conta de debito de sellos á fazenda nacional; os lucros de uma typographia; e mais varias couzas, que o *Barcellense* sabe.»

«Estava tambem uma guia pratica em tres volumes de modo como em audiencia deve um réo responder a um juiz, com toda a casta de insultos e improperios.»

«Do mais, que agora não lembra, participar-lhe-hemos.»

Tambem nós participamos para juizo a *cobardia, a insinuação e o modelo de linguagem*, sem esquecer a que se encontra mais adiante n'uma das locaes.

Muito se parecem este nosso administrador com o seu escrivão!—se elle foi escolhido para representar estes papéis... que, temos fé em Deus, hão de ter um desenlace.

Um dia, o nosso administrador manda-o insultar, e diz-lhe, tu como *bom coeiro que és*, em cuja pratica ninguem te excede, desenterra-me esses mortos e não poupes mesmo os meus amigos, com a condição de lhes não deixar osso direito—martyrisa-os e esfarrapa-lhes aquellas carnes.

N'outro dia, diz-lhe, isso ainda é pouco;—é preciso trazer para o *matadouro* a viuva recatada e a donzella honesta, e fazer-lhes *insinuações* sobre a sua honra e comportamento, e a donzella e viuva recatada veem para a praça para satisfazer odios—rancores e vinganças mal cabidas.

Ainda é pouco;—é preciso, que entres nas vidas privadas e contes os garfos, os trapos, e tudo que lá vai por casa, d'esses, que não seguem *rossos costumes depravados*;—é obedecido, e tudo se põe no andar da rua.

Olha;—esqueceste-te de dizer, que a filha de tal familia honesta, e que vive recatada, *pariu*;—diz isso e escreve um communicado e assigna-te;—o servo obedece e o communicado é escripto e assignado.

Agora;—preciso que me despiques contra o administrador, que eu acabo de demittir;—vai-lhe fazer *arroça a porta com bombas e morteiros*;—e as ordens cumprem-se.

Mau;—tu precisas inculcar-te, e fingires de valentão;—escreve um communicado e ameaça com um *chicote e pontapés* (está escripto e chamado por isso aos tribunaes) o redactor do *Barcellense*; mas, respondeu o *servo coeiro*;—o leite que bebi na infancia era muito delgado, e *pernas de pisco não são para isso*; e demais, ainda ha pouco fui a chorar ao pé d'elle para me arranjar um *passa-porte* para o estrangeiro, para não ir para as costas d'África, e isto é uma ingratitude;—mas se assim o manda, vá feito; mas olhe, que não cumprio, o que digo, porque a mim costumam-me dar *uns desmaios*.

E de facto, o communicado foi escripto;—prometteram-se *chicotadas e pontapés*;—o *desmaio era infallivel*, e os que pagaram as *differenças foram os enxergões das Roças, que foram esfaqueados*—vindo apoz d'isto dar parte ao seu protector, que tinha *matado trinta mil homens*!!

Como quem semeia ventos colhe *espinhos*;—um dia, lembrou-se o *heroe dos enxergões* de descompor a camara, e tornou-a cumplice de tres ou quatro mortes de crianças, que se deram na roda por cauza de remedios trocados;—então, o nosso administrador, que era o presidente da camara, não gostou da *chalaça*, e mandou retractar-se, o que fez submissamente: tudo está escripto na *Aurora do Cavado*, que basta o nome para horrorisar o nosso administrador;—mas accitou-se a retractação, porque era o *coeiro da Graça*, que continuou no seu posto, *apezar dos pezares*.

Deixemos este heroe e passemos ao nosso administrador, que em tudo tão igual lhe é!!—se este é *tutellado d'aquelle*!—a que tempos chegamos!

Accuzamos no n.º passado o sr. administrador do concelho, Antonio do Rego Faria Barboza, de *ter roubado uma arma* ao sr. Rodrigues Leite, e igualmente de *ter roubado a urna de Sequiade*:—parece-nos que isto é portuguez e que não ha n'isto vislumbre de *insinuação*; para mais assignavemos este artigo.

E acrescentamos, o sr. Antonio do Rego Faria Barboza, actual administrador d'este infeliz concelho, que está condemnado a ser governado por *idiotas, malvados e traficantes*, como presidente da camara, abuzando da fé publica, mandou *sangrar dous porcos que tinha a morrer*, e vendendo-os a uma contratadeira, deu occasião a um grande escândalo na praça publica d'esta villa:—parece-nos que esta accuzação é explicita, e se lhe não pôde chamar *insinuação*.

Ainda mais;—o sr. Antonio do Rego Faria Barboza, por desgraça nossa, administrador *tutellado* deste infeliz concelho, arrestou administrativamente (proh puder!) a diligencia espanhola, denominada a *Carrilhana*;—prende o cocheiro; deleve os passageiros de tres a quatro horas, descompondo-os durante esse tempo com nomes injuriosos e infamantes, e terminando por os ameaçar de os mandar correr á pedra pelos garotos das ruas.

Deu isto causa a um conflicto internacional, e o sr. Antonio do Rego Faria Barboza informou o governo, que a *povoação estava em alarme*; que o povo queria matar toda aquella gente, e que o *arresto e a prisão fora a maneira de a salvar*;—e para isso fez uma *justificação falsa com testemunhas, que não juraram*:—parece-nos que esta accuzação é directa e não admite equívocos.

Continuaremos:—o sr. Antonio do Rego Faria Barboza tem obrigação, como homem, e jámais como auctoridade, de nos chamar aos tribunaes, porque as accusações, que lhe fazemos, são formaes.

Nós, que não somos tanto, nem auctoridades, obramos assim, e nunca deixaremos correr á revelia os crimes de que fomos accuzados pela imprensa, nem ainda as *insinuações*.

Se tem brios e dignidade deve obrar assim, porque por muito menos, por factos de que nos accusam, d'alguns dos quaes já existe a *retractação*—nós tornamos a chamar os *calumniadores* aos tribunaes.

Nós accitamos a responsabilidade do que está escripto e não nos venham dizer, que valemos pouco; porque, por pouco que vailamos, sempre valemos mais no que dizemos do que o sr. Antonio do Rego Faria Barboza, que por espaço de dous annos e meio foi nosso editor responsavel:—tenha paciencia, soffra este novo sacrificio de Tantalol!

NOTICIARIO

Querella—Está proposta em juizo, perante a Relação do districto, a querella, que o sr. Manoel Luiz Falcão deu contra o juiz de direito d'esta comarca, por insultos, que lhe dirigiu em audiencia, quando depunha como testemunha no processo crime, que o Min. Pub. tinha requerido contra o sr. Manoel Forte de Sá.

Já está nomeado para inquirir as testemunhas o juiz de direito da comarca de Villa Nova de Famalicão, e é instructor do processo, o juiz da Relação, Geraldés.

Parabens—Vimos em uma relação publicada pelo *Commercio do Porto*, que o sr. Henrique Pousão, filho do nosso amigo, o ex-delegado d'esta comarca Nunes Pousão, fôra distincto em uma das aulas, que frequentava, do curso das *Bellas Artes*, e em outra fôra premiado.

Com satisfação damos esta noticia e d'aqui damos nossos sinceros parabens ao illustre distincto e premiado, e bem assim a toda a sua familia.

Interesse da imprensa—Já n'este jornal offerecemos uma herança ao sr. juiz de direito da comarca, comprometendo-nos a defendel-a de terceiros, que quizessem disputar os nossos direitos.

Agora, com muito mais prazer offerecemos os interesses de todas as impressas ou jornais, que tenham administrado ao sr. administrador do concelho, visto ter sido nosso editor responsavel por espaço de dous annos e meio; e demais a mais é *papa á ultima hora!*

Pôde aceitar este offerecimento, que é sincero, e só tem o incommodo de nos procurar ou designar o local, onde o havemos de encontrar.

Satisfação—Vamos propôr em juizo mais duas policias correccionaes, e na audiencia da primeira apresentaremos os *diplomas de advogado, os sellos da Fazenda, e a guia pratica em tres volumes, que assinam, como um réo se deve apresentar em audiencia*:—querem mais alguma coisa?—estamos resoltos a fazer-lhes em tudo a vontade;—devemos-lhes tantos favores... que ignoramos a forma de os pagar;—se é esta a que exigem, pôdem dormir descansados.

Desgraça—Na freguezia de Villa Cova, morreu asphixiada uma mulher com o lenço, que trazia ao pescoço. Contam-nos assim o caso:—a mulher tinha um moinho, a que foi lançar a agua para moer a fornada. Foi tão infeliz que a roda do moinho lhe apanhou as pontas do lenço, e levando-a contra a roda lhe apertou o pescoço, sem ter quem lhe accudisse, a ponto de *esganar*.

Romaria das Necessidades—Foi concorridissima e passou-se sem novidade de maior. De vespera deu-se um caso, que podia ser consequente. Um cocheiro abandonou os cavallos de uma diligencia, que estavam desenfreados;—estes partiram e percorreram a distancia de bons tres kilometros até que foram detidos por pessoas, que iam para a romaria, na freguezia de Villa Secca, não se dando outro inconveniente, senão o grande susto, porque passu o cocheiro.

Logar vago—Acaba de fugir para o Egipto a filha da Rodeira, que servia de criada da Roda. Dizem-nos, que na fuga a acompanhara um trolha, que andava nas casas dos srs. Dus e que está para ahí para os lados de Villar;

—deixa-os estar, *Deus os fada bem*:—mas sempre advertimos, que o tal meliante devia avizar a Rodeira primeiro para arranjar creada com tempo e não andar tão precipitadamente, e por isso merecia castigo.

Sou papa—Foi preso um pobre que com uma mulher e crianças andava a pedir para ahí para os lados da Silva.

O pobre homem já está preso ha uns poucos de dias e está *arreventando de fome* com as erjanças, que tem.

Ignoramos a lei, em que se funda o sr. administrador para que possa ter preso um homem tanto tempo!—a Ref. e o Cod. Pen. é expresso a este respeito;—mas desde que se tornou *beato, sem ir a missa*, está auctorizado a commetter toda a casta de despotismos, por que abulla do *papa* auctorisa tudo!

A mulher, que acompanhava o preso anda a pedir esmolas e foi ter com o sr. administrador para este lhe mandar dar a *sancta* ou uma esmola para sustentar as criancinhas e o preso;—querem saber, o que lhe respondeu? que as lançasse ao rio, que levava pouca agoa?!—e disem que não é papa, e amantissimo da religião!!

Em tempo, que aqui estive o sr. Pousão, fizeram-lhe por escripto varias queixas os presos da cadeia, porque o sr. administrador se recusava a dar-lhe a *sancta*. Em um dia por esta causa fiseram na cadeia um *grande alarme*, disendo, que os queriam *matar á fome*.

O sr. Pousão officiou n'este sentido ao sr. administrador e foi mesmo fallar com elle, mas a nada o moveu, ainda que lhe mostrou, que era um *facto escandaloso*, que se não praticava em parte alguma:—que não dava do que era d'elle, e que fosse mais humano.

Sempre o mesmo homem, rancoroso, e querendo castigar a seu modo, viu-se na necessidade de pedir o sr. Pousão providencias ao sr. Governador Civil.

D'ahí em diante, fez-se com o juiz de direito para lhe mover a guerra, que se viu!—esta é que é a moralidade do *nosso papa, amantissimo da religião!!*

Mas foi bem feito; para que requereu a querella o sr. Pousão contra a *micHELLa*, sem lho participar?—não sabia? soffra as consequencias: *sou papa!*

Heroismo de amor fraterno—Eschilo nasceu na Attica, de familia illustre e honrada... Na sua juventude seguiu a carreira das armas, que depois deixou para se entregar inteiramente á poesia, a que o inclinava o seu genio natural, e tantos progressos fez, que veio a ser reputado por um dos melho-res tragicos do seu tempo. Accusado de haver introduzido passagens cruéis em um dos seus poemas, foi citado perante os juizes, e condemnado a ser apedrejado. Chegando o dia prescripto para a execução da sentença, onde aquelle mesmo povo, que tantas vezes tinha admirado os seus talentos, concorreo em grande multidão para serem espectadores do seu supplicio. As pessoas de bem o lamentavão, o povo insensato apressava, com impaciente murmuro, o atroz espectáculo. Já Eschilo é despido, e prezo com fortes cadeias, a um poste. Já estão apenhadas as pedras, que devem servir para tão cruel supplicio; já o braço que deve atirar a primeira, está levantado, quando *Aminto*, irmão de Eschilo, corre apressado; chega junto do irmão, pára, e brada aos algos-es;—Escutae, Athenienses. Veio Serse commetter a Grecia com oitocentos mil homens, e tendo-se espalhado por toda a parte a consternação, ninguem se movia, todos tremião. Fi-

nalmente, dez mil homens se offerecem para vencer Serse, ou morrer. E quem os reuniu, ó Athenienses! Fui eu.

Quem deu o primeiro golpe nos Persas em Salamina? Eu. Entre os que ora me escutão muitos pegarão em armas, animados pelo meu exemplo; vencemos Serse e a Grecia foi salva. Tornei para Athenas, mas sem a mão que tinha immolado aos Persas, porque ficou no campo da batalha. Dizendo estas palavras, levantou o braço, e continuou—Vêde, Athenienses! perdi-a para conservar a vossa liberdade. Nunca pedi, nunca recebi recompensa alguma.

Contente estava por haver servido a patria, e vê-la livre, mas não esperava a horrivel desgraça de vêr morrer o meu irmão de tão desprezível e cruel morte! Tendo assim fallado, se poz diante d'Eschilo, e acrescentou animosamente:—Charo irmão! sacrifiquei uma parte do corpo pela Grecia, agora, por ti, quero sacrificar o que me resta. Todos os espectadores ficarão cheios de admiração, e gritarão a uma voz—Perdão, perdão! Aminto desprendeo do poste o seu irmão, o conduzio a casa, e recebeo, em todo o caminho por onde passou, o tributo d'elogios, que erão devidos ao seu fraternal e heroico affecto.

O imperio Persa ganho pela astucia de um criado—Erão pertendentes á Coroa da Persia juntamente com Dario, seis Fidalgos, os mais illustres daquelle imperio; e para evitarem dissensões entre si, ajustarão, que ao romper do sol sahissesem de casa montados a cavallo até certo limite assinado; e aquelle, cujo cavallo primeiro rinchasse, ficaria com o absoluto dominio de toda a Persia. No dia seguinte, estando para partirem, um moço da estribeira de Dario, sem que o vissem, esfregou a mão pelas partes genetaes de uma egoa, e chegando-se no meio do caminho ao cavallo de Dario, lha passou pelo focinhão; o qual assim que lhe deu o fardo, rinchou logo; e com esta astucia subiu Dario ao throno, prostando-se-lhe logo os companheiros.

Maximas de Benjamin Franklin

1.^a—*Temperança*—Não comas jámais a ponto de sentir-te incommodado; nem bebas até perderes a razão.

2.^a—*Silencio*—Nunca falles senão daquillo de que tu ou os outros poderem colher utilidade; evita, quanto em ti couber, as conversações frivolas.

3.^a—*Ordem*—Dá a cada couza em tua casa lugar certo; a cada negocio tempo determinado.

4.^a—*Resolução*—Toma por uma vez a resolução de cumprir sempre as tuas obrigações; nunca faltes ás tuas promessas.

5.^a—*Economia*—Não gastes o teu dinheiro senão em cousas de utilidade para ti ou para outrem; isto é, goza, mas não desperdices.

6.^a—*Trabalho*—Não percas tempo; emprega-te sempre em alguma cousa util; abstem-te de toda a acção desnecessaria.

7.^a—*Sinceridade*—Evita subterfugios; pensa sempre com innocencia e justiça; falla como pensas.

8.^a—*Justiça*—Não prejudiques a pessoa alguma, pelo contrario evita-lhe, não só qualquer damno, mas faze-lhe o bem que poderes.

9.^a—*Moderação*—Foge dos extremos, isto é, usa, mas não abuses; sente o bem ou o mal, segundo a tua razão te disser que elles o merecem.

10.—*Accio*—Não desprezes a obrigação que tens de conservar accados o teu corpo; casa e vestuario.

11.^a—*Tranquillidade*—Não te afflijas por bagatellas, ou acontecimentos ordinarios e inevitaveis.

Sentença contra El-Rei D. João 2.—No tempo de el-rei D. João 2.º corria em Lisboa demorada, sobre objecto de grande valor, entre el-rei e o contador mór da cidade. Um dos juizes que haviam de julgar o pleito era o vigário de Thomar, que depois foi bispo da Guarda, e prior de St.ª Cruz de Coimbra. Os juizes sentenciaram contra el-rei, o qual, sabendo isto, e tendo informação de que o primeiro que votara contra elle fóra o benemerito vigário de Thomar, mandou-o chamar à sua presença. Veio elle, não sem algum receio; porque não conhecia bem a grande alma e as excellentes virtudes do principe. Este, porém, longe de mostrar-lhe algum desabrimento, pelo contrario lhe disse: «que sabia que fóra elle o primeiro que dera o voto, que os outros juizes haviam seguido: que lhe louvava e agradezia esta inuítiva, propria de um varão honrado, e de um juiz virtuoso: e que, em prova do quanto se agradara do seu proceder, tinha já dado ordem a Antonio de Furia, para lhe dar duzentos cruzados para suas despesas.» Assim presava D. João 2.º os actos de justiça, e assim mostrava quanto lhe era odiosa a vil adulação, maiormente quando com ella se offendesse aquella primeira e principal virtude dos grandes reis.»

Fr. Bartholomeu dos Martires—Visitando este venerando prelado o seu Arcebispado, se lhe offerceu em uma occasião á vista sobre um penedo, e exposto ao vento e á chuva, um menino pobre e mal vestido, que vigiava umas ovelhinhas, que ao longe andavam pastando. Notou o venerando Arcebispo a estancia, o tempo, a idade e a paciência do pobre menino, e perguntou-lhe, porque se não recolhia a uma lapa, que alli estava perto? Isso não, respondeu o pastorinho; porque em deixando de estar alerta, vem lobo, e leva-me a ovelha, e eu depois pago-a com açoites. Não quiz o prelado ouvir mais; esperou que viesse toda a comitiva; referiu-lhe o caso, e acabou, dizendo: este innocente ensina a fr. Bartholomeu dos Martyres a ser Arcebispo; e foi-se andando a fazer sua visita.

O sacrificio no tempo do Céu—Extraordinariamente pomposa é a cerimonia com que o imperador sae a offerrecer os sacrificios no templo do céu.

Diante do principe marcham vinte e quatro trombetas ornadas de circulos de ouro, com vinte e quatro tambores dispostos em duas fileiras. Seguem a estes vinte e quatro homens com bastões dourados. Depois cem soldados com magnificas alabardas, as quaes tem no cimo meios circulos de ferro; em seguida vão cem archeiros e dois officiaes de lanças pintadas de vermelho e ornadas de flôres e figuras de ouro.

Depois seguem quatrocentas lanternas grandes, quatrocentas tochas de pào dourado que ardem como as nossas tocheiras de obra, duzentas lanças, d'onde pendem muitos frocos de seda, vinte e quatro bandeiras, em que estão pintados os signos de Zodiaco, e cincoenta e seis mais que representam as constellações celesaes, duzentos abands dourados com figuras de animaes, vinte e quatro chapéos de sol de magnificos dourados, e uma banca conduzida pelos moços do palacio.

Tudo isto precede o imperador, que acompanha a cavallo soberbamente vestido e cercado de dez cavallos, com jaezes, cobertos de ouro e pedrarias, conduzidos á mão.

Cercam-no tambem com guardas e pagens do palacio. Cobre o rei e o cavallo, em que vae montado, um riquissimo chapéo de sol.

O imperador é seguido de todos os principes de sangue, dos mandarins, dos vice-reis e de todos os senadores em trajo de corte.

Em seguida vem-se quinhentos moços de qualidade, acompanhados de cem creados de pé vestidos de seda encarnada bordada de flôres.

Esta é propriamente a comitiva do imperador. A ella seguem-se 36 homens conduzindo uma cadeira descoberta que parece um carro triunfante, 120 homens sustentam ainda outro coberto, e tão grande que parece uma casa; seguem depois quatro carroças; as duas primeiras, tiradas por elefantes, e as outras duas por cavallos: tem a sua companhia de 50 homens para as guardar, os elefantes e os cavallos são cobertos com chaires bordados de ouro.

Esta soberba comitiva é fechada por dois mil mandarins magistrados, e dois mil officiaes de guerra, todos com vestidos riquissimos, marchando com ordem inalteravel.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

D. Maria Emilia Ferraz Fogaça e D. Maria do Carmo Ferraz Menezes, summiamente gratas a tantas provas d'amizade e consideração, que receberam de todas as exm.ªs snr.ªs e cavalheiros, que as procuraram por occasião da enfermidade, fallecimento e enterro de seu sempre chorado marido e cunhado José Maria Fogaça, e não lhe sendo possível agradecer pessoalmente, como desejavam, o fazem por este meio, protestando a todos seu profundo reconhecimento.

Agradecem, igualmente, os distinctos favores, que receberam dos Rdm.ªs snrs. Ecclesiasticos.

AGRADECIMENTO

Roza Maria de Souza, seus filhos Francisco de Souza Caravana e Amelia Blondina de Souza Caravana veem por este meio, na impossibilidade de o fazer por outro, agradecer a todos os illm.ªs e exm.ªs snrs. que se dignaram assistir aos responsos de sepultura que por alma de seu fallecido marido e pae Manoel José Caravana, tiverão lugar no templo do Senhor Bom Jesus da Cruz na noite do dia 11 de Agosto findo, a todos protestão o mais vivo reconhecimento e gratidão.

Igualmente agradecem a todos os illm.ªs snrs. Phylarmonicos e Ecclesiasticos que se dignaram assistir gratis aos mesmos responsos.

ATTENÇÃO

Os devotos da Santa Cruz, tendo designado o dia 21 do corrente para festejar a mesma, proxima ao magestoso templo do Senhor da Cruz, resolveram solemnizar a mesma no dia 14 do corrente.

MACHINAS DE COSTURA

DE SINGER

Vende-se em casa de Manoel Pereira Leite de Carvalho desta Villa no Campo da Feira, assim como agulhas e al-gudões de cores proprias para as mesmas. Preço commodo. Ensino Gratis.

PROGRESSO MARITIMO DO PORTO

Empresa portuense de navegação a vapor

Entre Portugal e a Costa do Brazil

Para Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, com escala para S. Vicente

Vapores portuguezes



Espera-se brevemente o novo e magnifico vapor de 1.ª classe (a 100 no lloyds)

JULIO DINIZ

Commandante—J. J. RODRIGUES CONTENTE

Sahirá deste porto para os portos acima, impreterivelmente, no dia 26 de julho

Este vapor construido nas melhores condições, com especialidade para poder entrar e sair a barra d'este porto, offerece, além das excellentes commodidades para os snrs. passageiros de todas as classes, a vantagem de sahirem d'aqui directamente para os portos acima mencionados, evitando-lhes o incommodo de irem a Lisboa e de fazerem a menor despeza.

A comida será abundante e variada, feita por cozinheiros portuguezes, servindo-se vinho de meza, escolhido no Douro, nos passageiros de todas as classes, sem augmento dos preços das passagens.

Os passageiros de 3.ª classe tem cama, roupas, lóuças e utensillios de meza.

Para mais esclarecimentos, assim como para carga e passageiros, dirigir-se ao escriptorio da gerencia, Rua dos Ingleses n.º 42, ou ao Agente nesta villa—João Antonio da Costa Guimarães.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA DO BARCELLENSE

Assigna-se em Barcellos no escriptorio no Campo da Louça, na frente do Norte.

Preços:

Por trimestre 420 réis—Franco de porte 360 réis—Numero avulso 30 réis.

No mesmo escriptorio se recebem annuncios e correspondencias a 30 réis por linha, com o abatimento aos srs. assignantes de 50 por cento:—annuncios repetidos 15 réis.

Toda a correspondencia deve vir franca de porte, legalisada e subscriptada á Redacção do BARCELLENSE.

Para os srs. assignantes quando seja d interesse publico será inserida gratuitamente.

RESPONSAVEL

José Joaquim Lopes da Silva

BARCELLOS:—Typ. do **Barcellense**

CAMPO DA LOUÇA N.º 11.